

POR UMA ABORDAGEM ONTOLÓGICA DOS MODOS DE SOCIALIZAÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Fábio Fernandes Villela¹

Introdução

As últimas décadas do século XX foram marcadas por instigantes debates no que diz respeito às grandes mudanças ocorridas no Mundo do Trabalho. Muitos pesquisadores, nas universidades, nos institutos de pesquisa, nos sindicatos, e os próprios trabalhadores passaram a analisar os processos produtivos, as transformações no Mundo do Trabalho, especialmente a transição do Padrão Fordista de Acumulação ao que alguns pesquisadores, durante a década de 90, convencionaram chamar de “Pós-Fordismo”, “Fordismo Periférico”, “Pós-Taylorismo”, “Neo-Fordismo”, “Especialização Flexível”, “Mundialização do Capital”, “Modelo Japonês ou Toyotista”, etc. Esses estudos passaram a se preocupar com o processo de mudanças organizacionais, com as novas determinações do processo de acumulação de capital, no âmbito da sociedade contemporânea. Dentro dessa perspectiva, um vasto universo de autores estabeleceu um conjunto de marcos teóricos que definiram as bases para o estudo do que se convencionou chamar de “Reestruturação Produtiva”. A partir desse campo de pesquisas, re colocamos algumas questões acerca da “Reestruturação Produtiva” na Indústria da Construção Civil, Subsetor de Edificações (ICCSE), no Brasil, com suas Novas Tecnologias e seus Modos de Socialização. Essa pesquisa foi desenvolvida em nossa tese de doutorado: Villela (2007).

Objetivos

A análise teórica desenvolvida nos meios acadêmicos ligados à área de sociologia vêm sendo marcado, a partir de meados da década de 90, por um amplo debate ancorado na temática da Reestruturação Produtiva e seus efeitos sobre o “Mundo do Trabalho”. Entre determinado leque de pesquisadores, as questões centrais que vêm sendo analisadas são: a introdução, a adaptabilidade, a aplicabilidade e a consolidação de

¹ Professor de Sociologia, Departamento de Educação, Ibilce/Unesp - S. J. Rio Preto – SP. E-mail: fabio_villela@hotmail.com

elementos constitutivos do chamado “Modelo Japonês” ou “Toyotista” às empresas brasileiras, sobretudo, àquelas ligadas aos diversos setores da economia brasileira: automobilístico, bancário, telecomunicações, telemarketing, têxtil e confecções, calçados, serviços, etc. Esses pesquisadores têm procurado estudar o chamado “Modelo Japonês”, também nomeado “Toyotismo”, “Japonização”, “Ohnismo”, “Fujitsuismo”, etc. Esse modelo de produção apresenta diversas práticas de gestão, tais como, a automatização, o *Just-in-time*, o *Kanban*, o trabalho em grupo (“*teamwork*”), o “*management-by-stress*” (gestão por estímulos), a flexibilidade do trabalhador, a subcontratação, o “*management participatif*” (a gestão participativa), o, o Controle Estatístico de Processo (CEP), a Qualidade Total, etc., e que estariam sendo implementadas nas diversas empresas brasileiras².

O objetivo de nossa pesquisa foi descobrir quais os elementos que compõem a Reestruturação Produtiva, especialmente, os elementos que foram colocados em prática na ICCSE, em consequência da Reestruturação Produtiva. Quais as perspectivas para os trabalhadores e para o sindicalismo frente a esses novos Modos de Socialização pelo trabalho? Procuramos situar o debate, a partir de uma caracterização da “Reestruturação Produtiva” implantada nas indústrias, e a partir daí, caracterizar o que vem a ser o “modelo” introduzido na ICCSE. Nosso objetivo foi descobrir os principais “Modos de Socialização” da Reestruturação Produtiva ligados ao ICCSE, a partir de algumas abordagens teóricas recentes e de uma pesquisa empírica realizada no âmbito de uma grande empresa da ICCSE.

Metodologia

Contemporaneamente há uma contraposição entre duas perspectivas que se articulam em torno da análise sobre a centralidade da teoria do valor-trabalho de Marx, as quais têm desdobramento com relação aos Modos de Socialização. A primeira defende que a “ontologia do ser social” constitui-se em torno do trabalho e é, portanto, o principal Modo de Socialização dos sujeitos, tornando-se indispensável para o pleno

² Veja-se como exemplo deste tipo de abordagem os resultados da pesquisa coletiva intitulada: “Para onde vai o mundo do trabalho? As formas diferenciadas da Reestruturação Produtiva no Brasil” em ANTUNES, Ricardo (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

desenvolvimento do ser humano, isto é da sua omnilateralidade. Essa tese é defendida principalmente por Antunes (1995), (1999) e (2006), entre outros.

O outro ponto de vista, defendido especialmente por Gorz [1988 (2003)], [1997 (2004)], [2003 (2005)], mas não somente, a partir de 1980 em seu livro “Adeus ao Proletariado”, anunciava o esgotamento do potencial revolucionário do operariado, salientando que novas dinâmicas estavam sendo postas em circulação por uma espécie de “não-classe de neoproletários”, onde o trabalho não era mais o fundamento dos Modos de Socialização. Segundo esta perspectiva, o trabalho não ocupa mais um lugar central nas sociedades industrializadas enquanto valor e peça central dos processos de socialização. Esta posição é defendida, do ponto de vista histórico e filosófico, por autores tais como, Arendt [1958 (2001)], Méda [1995 (1999)] e novamente Gorz [1988 (2003)], [1997 (2004)], [2003 (2005)], entre outros³. Temos uma perspectiva diametralmente oposta conforme expomos em nossa tese de doutorado: Villela (2007).

O conceito de Modos de Socialização foi abordado por diversos autores como já foi esboçado⁴. Assumimos que os Modos de Socialização estão intimamente ligados ao trabalho industrial, não somente como modo de constituição dos indivíduos, “dentro da” e/ou “através” da sociedade. Mas, sobretudo, de acordo com os modos de produção da sociedade enquanto parte de uma totalidade em formação permanente. Nesta perspectiva o trabalho é o lugar privilegiado de socialização e cooperação entre os indivíduos. Trata-se da socialização pelo trabalho. A sociedade, nesta perspectiva, se define pelo Estado, pelas suas estruturas e pelo seu processo ininterrupto de produção e socialização dos indivíduos pelo trabalho⁵.

³ Uma série de autores vem desenvolvendo uma crítica à validade da aplicação da teoria do valor-trabalho de Marx a partir do terreno preparado por Habermas [1968 (1975)].

⁴ De modo geral entende-se a socialização como um processo de aprendizagem que permite a um indivíduo adquirir os modelos culturais da sociedade em que ele vive e age. Ela é, menos do que uma coação imposta por certos agentes sociais, e mais o resultado de uma interação entre o indivíduo e seu meio circunvizinho. O termo socialização passou a designar o conjunto de mecanismos pelos quais o indivíduo interioriza as normas e valores de seu grupo de pertença e constrói sua identidade social. Segundo esta perspectiva é deste processo que depende sua integração ao seio do grupo e mais amplamente à sociedade como um todo. No que diz respeito à sociologia, o conceito de socialização possui 3 matrizes desenvolvidas a partir de seus pais-fundadores. Para Durkheim a socialização é o processo pelo qual a sociedade favorece e reforça sua homogeneidade através da aprendizagem metódica de regras e de normas pelas novas gerações. Numa abordagem desenvolvida a partir de Weber, a socialização corresponde ao processo pelo qual o indivíduo se apropria das regras de uma organização, e ao conjunto das interações pelos quais se constrói a identidade social.

⁵ Sobre a temática dos Modos de Socialização podemos citar alguns trabalhos: Naville (1956), Naville e Rolle (1961), Naville (1963), Korsch (1973), Palloix e Zarifian (1981), Bettelheim (1982), Tude de Souza

Entendemos socialização a partir da perspectiva marxista neste sentido, de acordo com Rojas (1988, p. 52-53), a socialização é um processo de modificação qualitativa dos distintos elementos do processo de trabalho que intensifica, o caráter social dos ditos elementos, acrescenta, consolida ou faz avançar até um novo plano “civilizatório”. Trata-se de um processo através do qual a realidade, ou elemento considerado, revela um incremento essencial e qualitativo da presença ou intervenção do conglomerado social-humano sobre sua própria estrutura constitutiva, uma redefinição de sua estrutura nuclear onde o social-coletivo-humano acrescenta seu papel. Por exemplo: o produto se socializa realmente quando é produzido ou criado coletivamente, por certo conglomerado social de indivíduos, passando assim a ser um produto tecnológico e essencialmente social, e já não só um produto social em geral (mais que produzido dentro da sociedade, e sim dentro da comunidade social em questão).

Ainda segundo Rojas (1988, p. 52-53), o ato de trabalho se socializa quando começa a ser executado de maneira realmente conjunta, coordenada ou cooperativo-social pelos distintos membros do trabalhador coletivo, que agora articulam e ordenam cooperativamente seu “*know-how*”, seu conhecimento, suas competências, coordenando de uma maneira consciente e explícita. Igualmente, os instrumentos de trabalho se socializam efetivamente quando se modificam de tal forma que só podem ser operados ou utilizados por um coletivo de indivíduos, que só podem funcionar como instrumentos rigorosamente sociais ou do trabalho social. Trata-se de uma crescente e progressiva socialização - técnica do processo de trabalho -; que constitui um dos principais aportes civilizatórios do capital, pela maneira como cria a base material de outra possível forma de organização social, de outro modo de produção não “pré-histórico e não antagônico”. Essa socialização pelo trabalho é o momento fundamental da realização do ser social, condição para sua existência, ponto de partida para a socialização do ser humano e conforme Lukács (1979, p. 33), “motor decisivo do processo de humanização do homem”. A socialização pelo trabalho é o fundamento da sociabilidade, condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.

(1983), Zarifian e Palloix (1989), Zarifian (1999) e (2001), Lhuiller (2003) e Linhart (1994) e (2006), entre outros.

A socialização pelo trabalho é a base sobre a qual está sedimentada todo o complexo de sociabilidade humana. Estas afirmações nos permitem compreender, conforme Lukács (1979, p. 99), que a socialização pelo trabalho como “a única lei objetiva e ultra-universal do ser social, que é tão ‘eterna’ quanto o próprio ser social; ou seja, trata-se também de uma lei histórica, à medida que nasce simultaneamente com o ser social, mas que permanece ativa apenas enquanto esse existir”, ou ainda como Mészáros (2006, p. 91), a socialização pelo trabalho é a “esfera ontológica fundamental da existência humana e, portanto, a base última de todos os tipos e formas de atividade”. Entretanto há algumas barreiras que impedem a formação omnilateral humana, onde emerge novamente a noção de “trabalho estranhado”⁶.

Resultados

Recolocando na alça da mira a Reestruturação Produtiva, quais as implicações dos Modos de Socialização sob o ponto de vista do “trabalho estranhado”? Quais as conseqüências para os trabalhadores dessas mudanças? Quais os elementos que compõem tal modelo? Se alguns elementos dos Modos de Socialização da Reestruturação Produtiva estão sendo colocados em prática, nas empresas brasileiras, o que vem a ser realmente esse “Modo de Socialização” contemporâneo? Diante desse quadro, procuraremos apresentar alguns resultados do que vem a ser a Reestruturação Produtiva na ICCSE. Começamos a traçar um esboço sobre o tema tomando como ponto de partida a caracterização dos Modos de Socialização da Reestruturação Produtiva feita por Lhuiller (2003, p. 25). Segundo essa autora:

Para impor esta ideologia e este tipo de relação social, as direções das empresas lançaram-se a uma verdadeira batalha de identidade, com objetivo de racionalizar e formatar a subjetividade dos assalariados, erradicando qualquer veleidade de independência. Nos anos 80 e 90 surgiu um impressionante dispositivo participativo: círculos de qualidade, múltiplos grupos *ad hoc*, grupos de expressão, ações pela qualidade e seminários em torno da definição de identidade da empresa, de sua cultura e de suas missões. Um dos objetivos era instaurar intercâmbios entre a hierarquia e grupos de assalariados, para que estes últimos interiorizassem as ‘pressões’ da empresa e seus interesses. Isto

⁶ Referimo-nos ao capítulo “Trabalho Estranhado” em: MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004. A tradução completa para o português, apresentação e notas dos “Manuscritos” no Brasil foi feita por Jesus Ranieri.

é acompanhado de um recurso sistemático à comunicação empresarial - com inserção na imprensa - e às formações sob medida, para gravar nos espíritos os 'valores da empresa' e impor o consentimento. Sem esquecer as sanções: demissões individuais precedidas de pressão e 'colocação no quadro' para dar o exemplo, causar medo e provocar enquadramento. (LHULLER, 2003, p. 25).

Nesse sentido os Modos de Socialização podem ser entendidos como a preparação dos indivíduos em uma empresa para o uso dos meios técnicos disponíveis na sociedade, como por exemplo, as novas tecnologias, os programas de computadores, os programas de gestão da empresa, a qualificação profissional, etc. O que diferencia um modo de socialização de outro em diferentes momentos históricos são as finalidades, as formas e as instituições sociais envolvidas nessa preparação - que a sociologia chama "processo de socialização".

Neste início do século 21, observamos novos Modos de Socialização e mediações inéditas, decorrentes de artefatos técnicos extremamente sofisticados (como por exemplo, o processo de automação microeletrônica e o advento das inovações tecnológicas e organizacionais), que subvertem radicalmente as formas e as instituições de socialização estabelecidas: os trabalhadores têm que "aprender a aprender", lidando com máquinas "inteligentes" e "interativas", com conteúdos, formas e normas que algumas instituições escolares não privilegiam.

Como exemplo geral de Modo de Socialização, podemos citar o caso da IBM que é feito a partir da liderança dos executivos pertencentes à alta direção, estudado por Vasconcelos (1993). Os valores e significados que compõem a "Nova IBM" são difundidos, em um processo de "*sense making*", ou difusão de significados a serem compartilhados por toda a empresa e que deverão nortear os rumos, possibilitando a coordenação de atividades conjuntas. Essa socialização é feita na IBM Brasil através de cursos e treinamentos especiais, onde os empregados são sensibilizados para os valores que compõem o "*Market Driven Quality*" e onde aprendem técnicas de melhoria contínua de processos a partir da constituição de grupos para análise de seu trabalho, objetivando a diminuição das causas da não-qualidade. Nesses cursos e no desenvolvimento dessa análise, processa-se a internalização da "cultura de qualidade". Através de publicações internas, da criação de prêmios e símbolos de qualidade, das comunicações verbais e não verbais dos principais executivos, verifica-se o esforço concentrado para a difusão dessa cultura.

Seguindo esta lógica, Linhart (2006, p. 4) mostra que essa socialização pelo trabalho torna-se uma “socialização à submissão, ao conformismo e a renúncia a qualquer pensamento pessoal”. Para a autora, as possibilidades de experiência coletiva através da ação e os projetos comuns alternativos diminuem; só restam os termos crus do contrato de trabalho (que são contratos jurídicos de subordinação, onde o tempo do assalariado pertence ao empregador, que “o comprou e pode usá-lo da maneira mais rentável segundo seu ponto de vista”). A experiência da socialização pelo trabalho torna-se a aceitação e a disposição do tempo e de si em proveito de uma lógica do capital que assumimos sem reflexão, isto é, de forma estranhada. Segundo Linhart (2006, p. 4):

Lugar insubstituível de socialização e de experiência da cooperação entre indivíduos, o trabalho tende a se tornar um espaço de enfrentamentos e desconfiança. O assalariado virtuoso do gerenciamento moderno - aquele que busca a excelência através do uso de si mesmo, da forma mais rentável do ponto de vista da empresa, e em prejuízo de seus colegas, de seus clientes e da sua vida privada - está longe de ser um cidadão virtuoso. (LINHART, 2006, p.4).

Para nossos objetivos, os Modos de Socialização da Reestruturação Produtiva, seus elementos, como vem sendo colocados em prática na indústria brasileira, suas perspectivas para os trabalhadores e para o movimento sindical apresentam-se como formas contemporâneas de estranhamento (alienação), seguindo as indicações de Antunes (1999). Diante desse quadro, situamos nossa caracterização da Reestruturação Produtiva na ICCSE. Nós identificamos, nas teses de Farah (1992) e Caetano (1996) e (2001), 9 Modos de Socialização, quais sejam: 1ª. A introdução de Princípios da “*Lean Production*” (“Produção Enxuta”) – “*Lean Construction*” (“Construção Enxuta”); 2ª. A implantação de Programas de Qualidade Total; 3ª. A Racionalização dos Processos de Trabalho em Escritório; 4ª. A Logística e Racionalização do Canteiro de Obras; 5ª. A Horizontalização das Empresas; 6ª. A implantação das noções de “*Learning Organization*” - “Organizações em Constante Aprendizagem”; 7ª. A Gestão Participativa; 8ª. As Políticas de Engajamento e Fixação dos Trabalhadores à Empresa; 9ª. As Terceirizações.

Em nossa tese de doutorado, Villela (2007), identificamos os Modos de Socialização específicos da empresa da ICCSE pesquisada. Através de uma análise qualitativa, foi possível identificar que o principal Modo de Socialização da empresa pesquisada é o

denominado “Estratégia Organizacional”⁷. A estratégia organizacional a qual se insere a empresa pesquisada é a da “escola” empreendedora. A partir desta tese, foram levantados os conceitos fundamentais de uma “escola” empreendedora: “*entrepreneur*” (empreendedor, empresário); “*entrepreneurship*” (espírito empresarial, administração empreendedora); e “*intrapreneuring*” (aplicação do espírito empreendedor), explicitando como se formam as principais estratégias empreendedoras na empresa pesquisada.

Acreditamos que a empresa pesquisada é um modelo típico de *Learning Organization* - “Organizações em Constante Aprendizagem”, isto é, uma empresa que aprende à medida que os seus trabalhadores vão ganhando novos conhecimentos, que possui uma “Estratégia Organizacional”, que cria novos conhecimentos de modo consistente, dissemina-os amplamente pela organização e os incorpora às novas tecnologias e aos seus produtos, conforme uma “Escola” Empreendedora⁸. Para ilustrar tal perspectiva, podemos citar algumas “estratégias organizacionais” desenvolvidas pela empresa pesquisada, tais como: 1. Empreendedorismo: Homens e Mulheres de Negócio, com os seguintes sub-temas: 1.1. Projeto de Desenvolvimento da Visão de Futuro (PDVF); 1.2. O Trabalho como Fator de Sucesso – (TFS); 1.3. Como ser um ser [nome a empresa pesquisada]; 1.4. As Empresas e o Mundo Plano – (EMP); e 2. A Gestão de uma Empresa Horizontal Operando em Rede no Mundo Plano (GESTÃO).

A “estratégia organizacional” intitulada: “A Gestão de uma Empresa Horizontal Operando em Rede no Mundo Plano” é a mais recente e acreditamos que seja a síntese das demais. Esta “estratégia organizacional” apresenta 3 Modos de Socialização (não necessariamente em ordem cronológica) dispostos como “estratégias empreendedoras” que configuram a empresa pesquisada com uma “Escola” Empreendedora: 1ª. A Empresa Horizontal⁹; 2ª. A Empresa em Rede¹⁰; 3ª. O Mundo Plano¹¹.

⁷ Cf. MINTZBERG, Henry; AHISTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de estratégia**: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 1999.

⁸ Cf. SENGE, Peter M. **A quinta disciplina**: arte e prática da organização que aprende. 21. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

⁹ Trata-se de uma estratégia de “Horizontalização das Empresas” relativa ao “Modelo Japonês” ou “Toyotista”. Uma organização horizontal (*horizontal organization*) ou achatada (*flat organization*) é a que minimiza o número de níveis hierárquicos de modo a estar mais perto dos clientes e em que os trabalhadores estão também mais próximos dos níveis de decisão. É um conceito que propõe acabar com a pirâmide hierárquica das organizações tradicionais. A sua vantagem principal é tornar os circuitos de decisão mais curtos, logo mais rápidos. Os empregados, sentindo-se “menos” vigiados, revelam maior empenho e criatividade. Esse tipo de organização favorece a criação de estruturas matriciais, mais leves e flexíveis, em que existe uma maior descentralização das responsabilidades.

Para além do sentido de “escola” como corrente de pensamento, com características padronizadas que formam certas áreas do conhecimento e da produção humana, quando nos referimos à “Escola” Empreendedora, especialmente com relação à empresa pesquisada, compreendemos que se trata de uma instituição e/ou organização que têm por objetivo a formação/educação de seus trabalhadores, tal como uma “*Learning Organization*” - “Organização em Constante Aprendizagem”.

Conclusões

O desvendamento do “trabalho estranhado” permite uma reelaboração teórica dos “Modos de Socialização”, pois, ao posicionar o lugar do trabalho na composição da socialização humana, e de como tal composição se reequaciona a partir da transformação do trabalho em elemento subordinado à troca e à propriedade privada, coloca à tona as categorias *Entäusserung* (Alienação) e *Entfremdung* (Estranhamento)¹². A partir de tais pressupostos, podemos recolar outro, qual seja, a categoria “*Bildung*”¹³, isto é, a estruturação do mundo da formação e/ou educação. Todavia devemos tomar a seguinte precaução teórico-metodológica, conforme Ranieri (2001, p. 49) explica:

¹⁰ Esta estratégia tem como base o livro de Manuel Castells: “A Sociedade em Rede” de [1996 (2007)].

¹¹ Essa “estratégia organizacional” foi retirada do livro de Thomas Friedman, jornalista considerado “o messias da globalização 3.0” e seu best-seller “o manual do nosso tempo” cujo título é: FRIEDMAN, Thomas Loren. **O mundo é plano: uma breve história do século XXI**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

¹² Ao retraduzir o texto do fragmento (a parte final do primeiro dos manuscritos) dos chamados Manuscritos Econômico-Filosóficos (Okonomisch-philosophische Manuskripte), escritos por Marx entre março e setembro de 1844, em Paris, Ranieri (2003, p. 363) opta por chamar de alienação (ou exteriorização) a palavra alemã *Entäusserung*, e de estranhamento a palavra *Entfremdung*. O autor afirma que “somente a segunda tem o sentido forte e negativo atribuído em geral ao termo alienação, ao passo que exteriorização significa atividade, objetivação, e é ineliminável do contexto histórico do fazer-se homem do homem, o que Marx deixa claro ao indicar o estranhamento como forma específica de exteriorização humana, especialmente sob o domínio do trabalho assalariado sob o capitalismo”.

¹³ “*Bildung*” é um conceito-chave na teoria educacional alemã. Segundo Prange (2004, p. 501), originalmente era utilizado para indicar um estado específico da mente ou um ideal de perfeição, contemporaneamente serve como símbolo de unidade para tudo que se refere ao campo da educação, particularmente em seus aspectos organizacionais e funcionais. O termo cobre uma ampla gama de conotações e aplicações que desafiam uma tradução única. Prange (2004, p. 501), relaciona uma série de palavras traduzidas que se aproximam da noção de “*Bildung*”: do inglês, “formação”, “crescimento”, “forma”, “treinamento”, “educação”, “cultura”, “educação superior”, “cultura superior”, “refinamento”, “boa criação”, “cultivo”; e do francês, “culture”, “civilisation”, “formation”, “façonnement”, “discipline intellectuelle”. Outro autor, Hell (1989, p. 70), define a idéia de “*Bildung*” como “formação intelectual, estética e moral”.

Aqui, a autonomia do método de investigação, apesar da elaboração ainda incipiente dos seus pressupostos, já tem o caráter que marcará o Marx da posteridade: a originalidade de sua criação está centrada, sim, na autoprodução do homem, mas de um ponto de vista fundamentalmente material, ou seja, o argumento é elaborado a partir da sociabilização humana, e daí a conseqüente sociabilização do pensamento, quando Hegel, ao contrário, vê na sociabilidade histórica do espírito (*Geist*) o fundamento das realizações materiais - de modo que, enfim, a conexão entre alienação e estranhamento apareça, também ela, como autoposição e autoprodução do espírito. (RANIERI, 2001, p. 49).

Podemos reelaborar as considerações feitas por Ranieri (2001, p. 49) para Hegel, afirmando que, para Marx, a alienação (*Entäusserung*) e o estranhamento (*Entfremdung*) são a unidade sintética da atividade histórica e social do ser humano na estruturação do mundo da formação ou educação (*Bildung*). A consolidação da cultura é o que enuncia a anterioridade e a posteridade do processo relativo à formação da cultura ocidental, na medida em que “*Bildung*” significa também a educação enquanto o próprio resultado do processo de formação¹⁴. Do ponto de vista da educação do indivíduo social, a formação compreende e envolve exteriorização ou externação (*Entäusserung*) e o estranhamento (*Entfremdung*). Conforme Ranieri (2001, p. 50) nos mostra que:

Como expressão fundamental do sistema hegeliano, o estranhamento corresponde ao momento de bipartição (*Entzweiung*) do espírito, a consciência-de-si (*Seibstbewusstsein*) materializando-se nas objetivações históricas, nas quais se inicia o desenvolvimento do espírito que se torna estranho a si mesmo. Já a alienação (*Entäusserung*) é responsável pelo caráter que assume este ser objetivo enquanto o particular da coisidade (*Dingheit*), posta pela ação da consciência-de-si. Neste momento de exteriorização (*Entäusserung*) da consciência-de-si, o lugar da síntese é o que afirma o movimento do espírito como ato de tornar-se outro. Ou seja, ser natureza quando sua exteriorização (*Entäusserung*) se dá no espaço, e história quando ela se dá no tempo. O

¹⁴ Na formação da cultura ocidental, especialmente na constituição de sujeitos passíveis de serem “educados” sempre foi houve a delimitação de um programa de “formação”. Este programa de formação envolve a busca pela formação do ser humano em sua forma mais autêntica é um programa que está profundamente imbuído das possibilidades da razão. Esta é uma herança grega sem dúvida nenhuma. Tudo aquilo que conformou a “paidéia” grega, enquanto “cultura” e “formação de um tipo elevado de homem”, significa para o Ocidente, uma espécie de ideal permanente a ser alcançado. Retomando o famoso estudo de Jaeger (2001, p. 07), “a idéia de educação representava para ele [o homem grego], o sentido de todo o esforço humano, [...] a justificação última da comunidade e individualidades humanas”. Essa perspectiva de formação integral do espírito, retomada no decorrer do século XVIII, já no desenvolvido processo de busca de esclarecimento (*Aufklärung*), foi condensada, em sua forma mais elaborada pela expressão alemã *Bildung* (formação e/ou educação).

ato de tornar-se outro no movimento da formação (*Bildung*) diz respeito à progressividade histórico-social do espírito na sua oposição com a matéria-todo o desenvolvimento histórico é o resultado da interação lógica entre a alienação (*Entäusserung*) e o estranhamento (*Entfremdung*) postos pelas objetivações antagônicas, das quais falamos acima, objetivações que são obra da consciência-de-si. (RANIERI, 2001, p. 50).

Do ponto de vista dos “Manuscritos” [1844 (2001)], o percurso da atividade histórica e social do ser humano seria a expressão histórico-sintética deste processo de formação e/ou educação (“*Bildung*”). Conforme Ranieri (2002, p. 50), “somente a história compõe a cultura como conformação da sociabilidade, transmutação da consciência sensível imediata em saber absoluto, definitiva possibilidade da consciência ser também consciente de si mesma”. O ponto a partir do qual Marx estruturará o seu sistema como processo imanente de apresentação da lógica do objeto como a realização da própria verdade, se efetivará através da mediação do trabalho. Ainda segundo Ranieri (2001, p. 51):

Na medida em que este aparece como um elemento que busca posições finalísticas, supera-se a pura representação natural: o trabalho é o elemento que constrói a consciência, na medida em que a saída de si desta última só é possível quando a natureza deixa de ser elemento estático, e isto se dá pela mediação do trabalho. Em outras palavras, o trabalho faz com que a consciência seja, ao mesmo tempo, consciente de si e consciente de que ela é também o outro de si mesma, posto que entre ela e o outro existe toda a criação humana. A consciência só se constitui como si (*Seibst*) quando se sabe diferente de si mesma pela existência do outro-de-si. (RANIERI, 2001, p. 50).

Ou ainda no “Manifesto”, Marx e Engels [1848 (1987, p. 50)] não deixam margem de dúvida quanto ao caráter da “*Bildung*”. Ela só pode ser pensada com relação ao capital, ao mundo das mercadorias, à civilização que incorpora a formação: “A formação (*Bildung*), cuja perda o burguês tanto lastima, é para a imensa maioria apenas um adestramento para agir como máquina”. Em síntese, o capital, especialmente em sua via de expansão e consolidação enquanto capitalismo industrial, é uma “potência social, que desenvolve e mobiliza nos indivíduos suas capacidades, hábitos e traços de personalidade que lhe são adequados. Pode-se afirmar que os indivíduos aderem às ideologias que emanam dos Modos de Socialização em função justamente daqueles

hábitos e capacidades que desenvolvem em sua “formação” e/ou “educação” na sociedade e que correspondem às suas ideologias.

É importante fazermos a passagem das diversas particularidades da sociedade contemporânea, isto é, os Modos de Socialização específicos da Reestruturação Produtiva para a “Totalidade”. Nesse sentido, conforme observa Frederico (1997, p. 39), uma das idéias centrais do pensamento dialético é o primado da totalidade sobre as partes que a compõem. Acompanhando historicamente o desenvolvimento dessa categoria, Hegel afirma que “a verdade é o todo”, reiterando o aspecto contraditório e histórico da realidade. Segundo Frederico (1997, p. 39), “por ser contraditória, a realidade não pode ser reduzida a nenhuma de suas partes; por ser histórica, não se confunde com os seus diversos momentos”. Para o autor:

A dialética, desde o grego Heráclito, reivindica a prioridade ontológica do universal, do todo, como uma característica própria da realidade, como realidade ‘mais real’ do que as partes que a integram. Em Hegel, há a idéia de uma totalidade prévia, que se fragmenta pelas sucessivas alienações. Ao final do processo de alienação do Espírito Absoluto, este se reconcilia numa totalidade harmoniosa em que as partes enfim se reconhecem em sua racionalidade como pertencentes ao todo. Mas a escrita de Hegel não é transparente: nunca se sabe ao certo se as categorias para ele derivam do pensamento ou da realidade. Às vezes ele é idealista, outras se aproxima do materialismo. (FREDERICO, 1997, p. 39).

Seguindo as considerações de Frederico (1997, p. 39), em Marx, o lugar das peripécias do “Espírito” é ocupado pela saga da vida social dos homens e desprendendo-se da natureza pelo trabalho, faz dela o seu objeto. Nesse sentido, o homem tornou-se um ser ativo, o mundo social (o objeto) não é algo totalmente estranho, mas um produto da atividade humana, e, devido a isso, rompe-se com o dualismo e reafirma-se a visão monista, o primado da Totalidade. Para o autor, a defesa da totalidade surge em diversos momentos da obra de Marx:

A economia política inglesa, aos seus olhos, aparecia como uma “ciência particular”, como expressão da divisão do trabalho, como pensamento alienado. No lugar dos conhecimentos parcelares - que só reproduzem o esfacelamento do mundo burguês - Marx exigia a reprodução conceitual do todo. A sociedade capitalista não pode ser compreendida pelas visões parciais do economista, do sociólogo, do

historiador etc. A sociedade não é uma colcha de retalhos, ela é uma totalidade viva e articulada. (FREDERICO, 1997, p. 39-40).

Outro exemplo da defesa da totalidade na obra de Marx, segundo Frederico (1997, p. 40), é a passagem em que afirma que a superestrutura não tem história, isto é, que ela não possui uma história própria, autônoma, movida por leis próprias. Assim, não haveria, segundo Marx, uma “história” da literatura, do cinema, do teatro etc. Seguindo as considerações de Frederico (1997, p. 40), “a arte não se desenvolve sozinha, movida por forças internas. Ela, ao contrário, expressa o movimento geral da sociedade. As escolas literárias - o realismo, o naturalismo, o surrealismo etc. - se sucederam como um reflexo das grandes transformações ocorridas na vida social e não por um desenvolvimento autônomo da própria literatura”. A partir dessas considerações, podemos afirmar que os Modos de Socialização, não se desenvolvem sozinhos, através de desenvolvimento autônomo, mas sim movidos por forças internas, expressando o movimento geral da sociedade e refletindo as transformações ocorridas na Reestruturação Produtiva.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Editora da UNICAMP/Cortez, 1995.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1958 (2001)].

BETTELHEIM, Charles. **Cálculo económico y formas de propiedad**. México: Siglo XXI, 1982.

CAETANO, Edson. **Da qualificação à terceirização: os caminhos da competitividade**. 2001. 193p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

_____. **A modernização do processo de trabalho no subsetor de edificações:** virtualidades e limites. 1996. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHIAVENATO, Ildebrando. **Teoria geral da administração**. Vol. 2. 6. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FARAH, Marta Ferreira Santos. **Tecnologia, processo de trabalho e construção habitacional**. 1992. 297p. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FREDERICO, Celso. **Lukács: um clássico no século XX**. São Paulo: Moderna, 1997.

FRIEDMAN, Thomas Loren. **O mundo é plano: uma breve história do século XXI**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GORZ, Andre. **O imaterial**. São Paulo: Annablume, [2003 (2005)].

_____. **Misérias do presente, riqueza do possível**. São Paulo: Annablume, [1997 (2004)].

_____. **Metamorfoses do trabalho**. Crítica do razão econômica. São Paulo: Annablume, [1988 (2003)].

_____. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1980 (1982)].

HABERMAS, J. Técnica e Ciência como Ideologia. In: **Os pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, vol. XLVIII, [1968 (1975)], p. 303-333.

HELL, Victor. **A idéia de cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KORSCH, K. **Que es la socialización**. Un programa de socialismo práctico. Córdoba: Pasado y Presente, 1973.

LINHART, Danièle. **A caminho da desumanização**. Net, São Paulo, Le Monde Diplomatique Brasil Online, março de 2006. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2006-03,a1265>. Acesso em: 26 maio 2007.

_____. **La modernisation des entreprises**. Paris, La Découverte, coll. Repères, 1994.

LHUIILLER, Dominique. **Les placardisés**. Paris: Le Seuil, 2003.

LUKÁCS, George. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Moscou: Progresso, 1987.

MÉDA, Dominique. **O trabalho**: um valor em vias de extinção. 1. ed. Lisboa: Fim de Século, [1995 (1999)].

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINTZBERG, Henry; AHISTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de estratégia**: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 1999.

NAVILLE, Pierre. **Vers l'automatisme social?** Problème du travail et de l'automation. Paris: Gallimard, 1963.

NAVILLE, Pierre; ROLLE, Pierre. A evolução técnica e suas incidências sobre a vida social. In: FRIEDMANN, Georges; NAVILLE, Pierre. **Tratado de sociologia do trabalho**. vol. I. São Paulo: Cultrix, [1961 (1973)], p. 399-426.

_____. **Essai sur la qualification du travail**. Paris: Marcel Rivière, 1956.

PALLOIX, Christian; ZARIFIAN, Philippe. **De la socialisation**. Paris: Maspero, 1981.

PRANGE, Klaus. Bildung: a paradigm regained? **European Educational Research Journal Online**, Oxford, vol. 3, n. 2, 2004. Disponível em: http://www.wwords.co.uk/pdf/viewpdf.asp?j=eerj&vol=3&issue=2&year=2004&article=5_Prange_EERJ_3_2_web&id=201.42.94.117. Acesso em: 4 ago. 2007.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura**. Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Los procesos de trabajo capitalistas en la vision de Marx**. Elementos para una tipificación de las figuras del acto laboral en el capitalismo. México, 1988. 337 p. Tese (Doutorado em Economia). Faculdade de Economia, Universidad Nacional Autónoma de México.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina**: arte e prática da organização que aprende. 21. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

TUDE DE SOUZA, Ângela. Maria. **Salarisation et modes de socialisation**: recherche sur la mise au travail, les pratiques de reproduction et le mouvement social dans les

cités ouvrières dans le Nord du Brésil. 1983. 2v. 492p. Tese (Doutorado em Economia Política). Universidade de Paris VIII, França.

VASCONCELOS, Isabella. **O market driven quality**. A cultura organizacional e a política de qualidade da IBM. São Paulo. 1993. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Indústria da construção civil e reestruturação produtiva**: novas tecnologias e Modos de Socialização construindo o intelecto coletivo (“*general intellect*”). 2007. 462 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

ZARIFIAN, Philippe. **O modelo da competência**. Trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Senac, [2001 (2003)].

_____. **Objetivo competência**. Por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, [1999 (2001)].

ZARIFIAN, Philippe; PALLOIX, Christian. **La société post-économique**. Paris: L'Harmattan, 1989.